

A LIBRAS E A CULTURA VISUAL NA ALFABETIZAÇÃO: A LINGUAGEM COMO SUPORTE PARA A COMPREENSÃO DO OUTRO

BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND VISUAL CULTURE IN LITERACY:
LANGUAGE AS A TOOL FOR UNDERSTANDING THE OTHER

Isaías dos Santos Ildebrand

Doutorando e Mestre em Linguística Aplicada pela UNISINOS (Porto Alegre/Brasil).
E-mail: isaias.brand@hotmail.com

Cátia de Azevedo Fronza

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (Porto Alegre/Brasil).
Docente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) (São Leopoldo/Brasil).
E-mail: catiaaf@unisinos.br

Recebido em: 3 de maio de 2025
Aprovado em: 2 de julho de 2025
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 22 | n. 2 | p. 306-328 | jul./dez. 2025
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3993>

RESUMO

Neste artigo, evidencia-se o papel da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no que se pode chamar de cultura visual e sua contribuição para a alfabetização, com foco na formação de multiletramentos e no reconhecimento da alteridade. O objetivo deste trabalho é explicitar como a Libras, enquanto língua visuoespacial experimentada em *workshops* de aprendizagem, pode fortalecer o processo de alfabetização ao integrar elementos visuais e gestuais, promovendo práticas de letramento inclusivas e multimodais. O estudo, de abordagem Qualitativa, foi realizado em uma escola de aplicação localizada na região Sul do Brasil, com a participação de aproximadamente 60 estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 3º anos), incluindo um aluno surdo e ouvintes. Os *workshops* realizados tiveram como foco a produção de um sinalário de astronomia. Alunos e professor ouvintes colaboraram na seleção e interpretação de termos relacionados ao tema, registrando sinais em fotos e vídeos organizados na plataforma Canva para criar um material educativo visual e acessível. Apesar de não contar com professores surdos, verificou-se o potencial da Libras para promover a inclusão linguística e cultural, gerando mais possibilidades de práticas de alfabetização. Os resultados indicam que a Libras não só amplia o contato com a comunicação inclusiva, como também fomenta o letramento visual e a convivência com a diversidade, consolidando-se como suporte pedagógico central para a formação de estudantes voltada à compreensão do outro.

Palavras-chave: Libras. Cultura Visual. Alfabetização.

ABSTRACT

This article highlights the role of Brazilian Sign Language (Libras) within what can be considered visual culture and its contribution to literacy, focusing on the development of multiliteracies and the recognition of otherness. The objective of this study is to demonstrate how Libras, as a visuospatial language explored in learning workshops, can enhance the literacy process by integrating visual and gestural elements, promoting inclusive and multimodal literacy practices. This qualitative study was conducted in an application school located in southern Brazil, involving approximately 60 early elementary school students (1st to 3rd grades), including one deaf student and hearing students. The workshops focused on the production of an astronomy sign glossary. Students and a hearing teacher collaborated in selecting and interpreting terms related to the theme, recording signs through photos and videos organized on the Canva platform to create a visually accessible educational resource. Although no deaf teachers participated, the potential of Libras to promote linguistic and cultural inclusion was evident, generating broader possibilities for literacy practices. The results indicate that Libras not only expands contact with inclusive communication but also fosters visual literacy and coexistence with diversity, establishing itself as a central pedagogical tool for student education aimed at understanding others.

Keywords: Brazilian Sign Language. Visual Culture. Literacy.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma análise crítica do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um aspecto essencial da cultura visual e seu papel no processo de alfabetização nos anos iniciais. A Libras pode expandir as práticas de letramento, oferecendo uma abordagem multimodal que pode favorecer o entendimento dos estudantes sobre o mundo. A inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no processo de alfabetização tem se destacado como uma prática pedagógica inovadora e inclusiva, especialmente em contextos educacionais que buscam valorizar a diversidade linguística e promover o letramento multimodal. Para tanto, atenta-se para o uso da Libras como aspecto essencial da cultura visual no ensino dos anos iniciais, investigando suas contribuições para o desenvolvimento de habilidades interpretativas visuais e multiletramentos. A Libras, enquanto uma língua visual e de sinais, transcende os limites da comunicação oral e escrita, proporcionando aos alunos uma nova forma de compreensão do mundo por meio de uma gramática visual. Ao abordar o letramento sob uma perspectiva multimodal, o estudo pretende explorar como a Libras colocada em contato na alfabetização pode ampliar as possibilidades de expressão e interpretação dos elementos visuais nesse momento do desenvolvimento escolar.

A utilização da Libras na educação básica não se limita a atender as necessidades de comunicação da comunidade surda. Ela também oferece uma compreensão mais abrangente da linguagem como um fenômeno visual e sensorial, promovendo um letramento que integra diversas modalidades de comunicação. Em um contexto em que os multiletramentos estão cada vez mais presentes na educação, incluir a Libras no currículo inicial permite que estudantes surdos e ouvintes desenvolvam habilidades interpretativas que vão além do texto escrito. Essa abordagem não apenas facilita a inclusão, mas também fomenta a sensibilidade visual e a interação com a diversidade, elementos fundamentais para uma educação que valoriza a pluralidade de modos de ser e de expressar no mundo contemporâneo.

A importância deste estudo se reflete em sua capacidade de responder a uma questão central: como a Libras pode fortalecer o processo de alfabetização e contribuir para a formação de multiletramentos nos anos iniciais por meio da produção de um sinalário? Ao investigar essa questão, o objetivo principal é identificar as potencialidades da Libras como ferramenta pedagógica no desenvolvimento do letramento visual e multimodal, favorecendo um processo de alfabetização inclusivo e acessível. Compreender essas potencialidades pode fornecer *insights* valiosos para educadores e pesquisadores que buscam expandir as práticas de letramento no ambiente escolar, especialmente em contextos que visam à inclusão linguística e cultural de estudantes diversos.

O conceito de sinalário refere-se a um gênero textual multimodal que registra e organiza termos e sinais em Libras (Língua Brasileira de Sinais) para facilitar a comunicação e o acesso ao conhecimento

em áreas específicas (Azevedo; Serra, 2023; Malacarne; Oliveira, 2018). Diferente de um glossário tradicional, que se baseia em definições verbais, o sinalário utiliza a modalidade visuoespacial da Libras para representar conceitos de forma visual, por meio de imagens, vídeos e descrições pontuais dos sinais correspondentes. Essa prática é fundamental para a inclusão e a formação de uma comunidade surda especialista em diversos campos do saber, promovendo a difusão de vocabulários técnicos e acadêmicos que facilitam a compreensão e o uso desses termos em contextos específicos (Stumpf, 2005). Em um contexto educativo, o sinalário é uma ferramenta de comunicação e um recurso que valoriza o letramento visual e a cultura visual, permitindo que os indivíduos se apropriem do vocabulário técnico de uma área. A criação de sinalários especializados atende à necessidade de sistematizar e organizar o léxico específico de diferentes áreas do conhecimento, viabilizando que pessoas surdas tenham acesso pleno aos termos e conceitos que permeiam essas áreas. Dessa forma, o sinalário desempenha um papel essencial na inclusão e na democratização do conhecimento, ao garantir que a Libras possa expressar de forma completa e precisa os diversos campos do saber humano.

Com uma abordagem Qualitativa, baseada em análise Documental, o *corpus* de análise inclui planejamentos e registros de atividades escolares, com foco na produção de um sinalário multimodal relacionado ao tema de astronomia. O sinalário foi elaborado de forma colaborativa, realizado em uma escola de aplicação no sul do Brasil, envolvendo aproximadamente 60 estudantes dos anos iniciais da alfabetização, incluindo alunos ouvintes e um surdo, que, junto ao professor ouvinte, bem como colocou a Libras em práticas pedagógicas visuais e interativas nesse contexto. A opção pela análise documental permitiu um exame aprofundado das práticas educacionais em um contexto autêntico, possibilitando a identificação de como as práticas multimodais promovidas pela Libras contribuem para a construção de multiletramentos e para a inclusão de todos os alunos.

Do ponto de vista teórico, este artigo toma como base autores que discutem a Libras no contexto da cultura visual e dos multiletramentos. A Fundamentação Teórica explora as contribuições da Libras para o letramento multimodal e como a cultura visual é incorporada no processo de alfabetização, trazendo Hernández (2011), que enfatiza a importância da cultura visual na educação, e Kress (2010), que aborda a multimodalidade como uma característica essencial da comunicação contemporânea. Incluem-se discussões sobre alteridade e identidade, com base em Deleuze e Guattari (1995) e Hall (2016), segundo os quais a educação visual permite que os alunos ampliem suas percepções sobre diversidade linguística e cultural.

O estudo está estruturado em cinco partes. A seção de metodologia detalha o corpus documental utilizado e os procedimentos de coleta e organização dos dados, justificando a escolha da análise

documental para capturar o processo de construção do sinalário de astronomia desenvolvido por aproximadamente 60 estudantes da alfabetização e 1 professor ouvinte. Na seção seguinte, abordam-se as implicações da prática do sinalário, refletindo sobre como essa atividade contribui para a alfabetização e para o desenvolvimento de habilidades multimodais. Por fim, sintetizam-se os principais achados do estudo, sugerindo-se direções para futuras pesquisas que possam ampliar o entendimento sobre a aplicação da Libras em diferentes contextos educacionais.

Vale denotar que este artigo explora a Libras em sua modalidade visual e multimodal no processo de alfabetização, com foco em sua capacidade de promover a inclusão e o desenvolvimento de multiletramentos entre estudantes dos anos iniciais. A análise dos dados está voltada ao sinalário colaborativo produzido por alunos e professor, evidenciando como essa prática pedagógica permite o acesso a conteúdos complexos de forma acessível e participativa. Organizado em seções que cobrem da fundamentação teórica aos resultados da prática do sinalário, este estudo visa contribuir para uma educação mais inclusiva, onde a diversidade linguística e cultural possa ser valorizada e, se pertinente, integrada ao currículo.

2 A LIBRAS E A CULTURA VISUAL NA ALFABETIZAÇÃO: MULTIMODALIDADE, MULTILETRAMENTOS E ALTERIDADE

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) ocupa um papel central na inclusão educacional e na promoção de uma cultura visual e inclusiva, especialmente em contextos de alfabetização que envolvem tanto alunos surdos quanto ouvintes. Como língua visuoespacial, a Libras é composta por signos transmitidos e compreendidos por meio de sinais e expressões faciais, ativando uma dimensão sensorial que transcende o modelo tradicional de letramento. Hernández (2011) argumenta que a cultura visual é uma experiência transdisciplinar e um convite à resignificar o olhar, ou seja, uma forma de reposicionar o sujeito diante do mundo e das diferenças que o constituem. A Libras, ao mediar a comunicação e o aprendizado visual, se alinha a essa perspectiva, promovendo uma maneira única de acesso ao conhecimento e à interpretação de mundo. Para além de uma ferramenta de comunicação entre surdos, a Libras é uma expressão da cultura visual, na qual o aprendizado não é apenas auditivo ou textual, mas também gestual e imagético. Em ambientes de alfabetização, a Libras permite que os alunos desenvolvam habilidades interpretativas visuais, promovendo um aprendizado acessível e inclusivo (Botelho, 2005).

Dessa forma, compreendendo a Libras como língua propulsora para o desenvolvimento de habilidades, sua inclusão nos processos de alfabetização reflete a transformação pela qual passou a educação de alunos surdos, especialmente nas últimas décadas, com os avanços nas abordagens de educação

inclusiva e bilíngue. Como defendem Dias (2006) e McCleary (2006), a superação das desigualdades enfrentadas pelos surdos depende de uma reorganização escolar que promova o intercâmbio cultural entre as comunidades surda e ouvinte. Essa reorganização implica que a Libras não seja tratada apenas como uma língua de comunicação entre surdos, mas que seja acessível e transformadora para todos os alunos. Ao aprender Libras, alunos ouvintes também têm a oportunidade de expandir suas habilidades de comunicação visual e se familiarizar com uma cultura que opera em um espectro sensorial diferente. A Libras, enquanto uma língua de sinais, auxilia os alunos a desenvolver uma percepção mais ampliada sobre a linguagem e sobre as diferentes maneiras de se construir significado, promovendo uma experiência de alfabetização que valoriza a diversidade linguística e cultural, como aponta Botelho (2005).

Revistando as contribuições da cultura visual, Soares (2020), Santos Filho, Oliveira e Souza (2016) salientam que a educação visual oferece uma perspectiva essencial para entender como a Libras pode ampliar a alfabetização. A Libras, com seus sinais visualmente expressivos e culturalmente carregados, representa um avanço em direção a um letramento visual que transcende o modelo tradicional. Em sala de aula, o uso da Libras incentiva uma abordagem multimodal de ensino, na qual o aluno não é apenas receptor de palavras ou de letras, mas também um participante ativo na construção de sentido a partir de sinais e imagens. Isso é particularmente relevante para o aprendizado de surdos e ouvintes, pois a Libras transforma a alfabetização em uma experiência que explora as capacidades interpretativas visuais dos alunos. O letramento visual que a Libras proporciona oferece uma alfabetização inclusiva e situada com a cultura nacional, já que a Libras é a segunda língua oficial do país, ao mesmo tempo em que pode permitir que cada aluno encontre seu espaço para expressar e compartilhar significados.

Considerando as perspectivas de letramento e leitura visual, a visão de Didi-Huberman (2012) sobre o poder das imagens oferece uma base essencial para entender a Libras como uma língua de "imagens em movimento". Cada sinal em Libras é mais do que uma simples representação; é uma construção visual carregada de significado, capaz de transmitir sentidos profundos e, muitas vezes, desafiadores. Na Libras, o sinal não é apenas um substituto para a palavra falada; é uma construção visual que permite um nível de comunicação acessível e ao mesmo tempo complexo (Brito, 2010). Os sinais, as expressões e as posições corporais formam uma gramática visual que promove um letramento situado, especialmente em contextos de alfabetização. Nesse sentido, a Libras permite que alunos surdos e ouvintes partilhem um espaço de aprendizado inclusivo, onde todos podem se beneficiar do potencial criativo e comunicativo das imagens e dos gestos. Com isso, a Libras não apenas facilita a inclusão dos surdos na educação, mas também desafia a educação tradicional a incorporar novas formas de expressão que fomentam a diversidade cultural e linguística. Ela pode nos ensinar que o aprendizado é uma experiência multimodal

e humanizadora, capaz de transformar a forma como enxergamos e interagimos com o mundo e com os outros.

Repensar a alfabetização contemporânea, como propõem Cope e Kalantzis (2000), envolve o desenvolvimento de multiletramentos, ou seja, práticas de letramento que se estendem além do texto escrito, integrando diversas modalidades de comunicação. Em um mundo onde as informações circulam de forma cada vez mais multimodal — através de textos, imagens, sons e gestos —, é fundamental preparar os alunos para essa diversidade de formas de expressão e compreensão. A Libras, com sua modalidade visuoespacial, contribui para essa alfabetização multimodal ao engajar os sentidos visual, motor e cognitivo dos aprendizes. Por meio da Libras, os alunos são incentivados a experimentar e entender o mundo de maneira ampla e sensorial, estabelecendo relações entre símbolos visuais e significados contextuais. Dessa forma, a Libras pode fomentar a inclusão de estudantes surdos e promover a capacidade de leitura visual e interpretativa em todos os alunos, tornando-os aptos a interagir em uma sociedade marcada pela diversidade de linguagens (Botelho, 2005; Brito, 2010; Soares, 2020).

Além dos multiletramentos, a importância da multimodalidade é aprofundada por Kress (2010) e Kress e Leeuwen (2001), que destacam que a comunicação contemporânea é inerentemente multimodal, sendo composta por diferentes formas de expressão, como imagens, gestos e sons, além do texto escrito. Kress (2010) argumenta que a linguagem e alfabetização devem considerar essas múltiplas modalidades, reconhecendo que a comunicação humana é mais ampla do que a palavra escrita. A Libras representa essa multimodalidade ao incorporar movimentos das mãos, expressões faciais e posturas corporais, criando uma gramática visual própria. Ao aprender Libras, os alunos não apenas desenvolvem habilidades linguísticas, mas também habilidades interpretativas em contextos visuais e expressivos. Em Libras, os sinais e expressões faciais têm o mesmo papel dos sons e entonações na fala: eles acrescentam nuances emocionais e reforçam significados, ajudando a comunicar conceitos complexos e sentimentos sem o uso de palavras. Essa experiência oportuniza o letramento, permitindo que os alunos compreendam a linguagem em uma dimensão sensorial e emocional.

Além de Kress (2010) e Kress e Leeuwen (2001), Hall (2016), ao discutir cultura e representação, aprofunda-se o argumento que as práticas culturais moldam e representam a identidade e o conhecimento. Nesse contexto, o aprendizado da Libras torna-se mais do que uma habilidade comunicativa; ele se transforma em uma prática cultural que influencia a percepção de mundo e a construção de identidades. Ao aprender Libras, os alunos participam de uma experiência de letramento que lhes permite entender e respeitar a diversidade linguística e cultural, ampliando sua visão sobre a sociedade. Para alunos ouvintes, a inclusão da Libras no currículo escolar pode propiciar o contato com uma língua que opera fora da lógica

tradicional do som e da escrita, promovendo uma compreensão mais inclusiva e plural do que significa comunicar e ser compreendido. Assim, o aprendizado da Libras valoriza a identidade surda as alteridades, bem como educa os alunos para a convivência com a diferença.

A noção de alteridade, tal como formulada por Deleuze e Guattari (1995), apresenta-se como uma estrutura rizomática e múltipla, permitindo compreender a diferença não como um conceito fixo, mas como algo em fluxo constante. Esse entendimento de alteridade, ao ser aplicado ao ensino da Libras, torna-se particularmente singular, pois oferece aos estudantes a oportunidade de vivenciarem uma linguagem visuoespacial que desafia as normas tradicionais de oralidade e escrita. Nessa perspectiva, a Libras atua como um campo aberto à multiplicidade, onde o “Outro” — aquele que se expressa de forma distinta — é continuamente reconhecido e valorizado. Ao explorar essa linguagem visual, os estudantes, sejam eles surdos ou ouvintes, são estimulados a aceitar e a valorizar as diferenças, percebendo-as não como barreiras, mas como manifestações de uma identidade plural.

Silva (2014) oferece uma visão relevante sobre a construção social da identidade e da diferença, reforçando a importância da alteridade nas práticas educacionais. Para Silva (2014), a identidade é algo que se constrói em relação ao “Outro”, ao que é diferente e exterior a nós, o que corresponde à própria essência da experiência de alteridade. Nesse sentido, a inclusão da Libras nos espaços escolares não apenas promove a integração linguística dos alunos surdos, mas também amplia o horizonte dos ouvintes, que entram em contato com uma forma de expressão distinta e rica em simbolismo cultural. Esse processo educacional, portanto, torna-se uma via de mão dupla, na qual todos os alunos aprendem a reconhecer e a valorizar o “Outro”, integrando a diferença como um componente essencial da vida em sociedade. O conceito de hibridez cultural de Garcia-Canclini (1998) complementa essa compreensão ao posicionar a Libras como um exemplo de cultura híbrida, em que múltiplas formas de comunicação coexistem e interagem. Para Garcia-Canclini (1998), a hibridez é um fenômeno de convivência entre diferentes práticas e sistemas de significação, gerando um ambiente amplo em diversidade. No contexto da alfabetização, a Libras pode atuar como uma ponte entre culturas visuais e sonoras, criando uma plataforma onde estudantes de diferentes origens culturais e linguísticas podem se conectar e aprender juntos. Essa integração de culturas e modos de expressão oferece aos estudantes um letramento visual que ensina uma nova língua e é capaz de prepará-los para viverem e aprenderem em uma sociedade multicultural, onde o respeito à alteridade é fundamental.

Assim, a alteridade, ao ser experienciada na sala de aula, reflete aquilo que se encontra no próprio cerne da experiência educacional: um “princípio de exterioridade”, como menciona Larrosa (2011), que nos lembra de que aprender é sempre um movimento em direção ao que é diferente, ao que está “fora

de nós” e nos desafia. Esse “ex” da experiência — de “exterioridade”, de “estrangeiro”, de “estranheza” — torna-se essencial para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e humana. A presença da Libras nas práticas pedagógicas, portanto, abre espaço para que os alunos, surdos e ouvintes, vivenciem o “Outro” em suas variadas manifestações, construindo um ambiente de aprendizado que oportuniza o contato com a diversidade e que, ao mesmo tempo, firma o próprio processo de alfabetização.

3 METODOLOGIA: UM PRÁTICA SITUADA NA ALFABETIZAÇÃO COM O APOIO DO DESIGN THINKING

Com base na metodologia Exploratória e Descritiva inspirada em Gil (2008, 2010), organizou-se a seção metodológica deste estudo. Esta pesquisa de natureza qualitativa recorre a uma análise documental de registros pedagógicos, com o intuito de refletir sobre o uso da Libras em práticas colaborativas pode promover um ambiente de aprendizado inclusivo e multimodal, ampliando as experiências de letramento visual e de alteridade. A análise documental considera planejamentos de aula, registros de atividades e figuras, capturando as interações e produções de em torno de 60 estudantes do 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental.

em uma escola de aplicação localizada na região Sul do Brasil. Entre estes havia um aluno surdo. A escolha desse contexto escolar visou integrar a Libras em práticas pedagógicas autênticas que promovem o letramento multimodal. O trabalho foi conduzido por um professor ouvinte unidocente, especialista em alfabetização e Libras, e não contou com a participação de professores surdos. Esse fato aponta para a necessidade de explorar tal participação em estudos futuros.

Como já indicado, são considerados para análise registros pedagógicos e visuais, incluindo a produção de um sinalário temático sobre astronomia e registros fotográficos e em vídeo das atividades realizadas durante workshops colaborativos. Esses registros foram organizados e selecionados através da plataforma Canva, onde fotos e vídeos dos sinais em Libras foram integrados para a criação de um sinalário multimodal. Inspirando-se na abordagem *Design Thinking* (DT) (Gonsales *et al.*, 2014; Ildebrand; Fronza; Luiz, 2020), adaptada para contextos educacionais. As atividades foram planejadas em etapas, considerando a descoberta e exploração da temática de astronomia por meio da Libras, para promover uma experiência de aprendizado visual e colaborativa. Esse processo permitiu que tanto os estudantes quanto o professor contribuíssem ativamente para a construção do sinalário, criando um ambiente onde as habilidades visuais e multimodais foram valorizadas e desenvolvidas.

As atividades do projeto “Expedicionário do Cosmo”¹ foram estruturadas seguindo a abordagem colaborativa do *Design Thinking*, com adaptações para promover o envolvimento dos alunos na criação do sinalário em Libras. O processo foi dividido em cinco etapas principais: descoberta, interpretação, ideação, experimentação e evolução (Gonsales *et al.*, 2014; Ildebrand; Fronza; Luiz, 2020). Na fase de descoberta, o tema de astronomia foi apresentado aos alunos, que expressaram curiosidades sobre o universo e levantaram perguntas sobre como certos termos poderiam ser representados em Libras. Em seguida, durante a interpretação, ocorreram workshops de Libras, nos quais os alunos exploraram possíveis sinais relacionados ao vocabulário espacial, conectando-os ao contexto do projeto. Na etapa de ideação, a turma discutiu a possibilidade de criar um sinalário digital e selecionou os sinais que seriam incluídos, considerando quais termos seriam mais relevantes para representar o tema. Na fase de experimentação, os alunos participaram ativamente da produção dos sinais, registrando cada termo em fotos e vídeos. Esses registros foram organizados na plataforma Canva para criar o sinalário multimodal, permitindo que os alunos revisassem e ajustassem o material visual conforme necessário. Finalmente, na etapa de evolução, foi gerado um QR Code com o link para o sinalário digital, que foi compartilhado com as famílias, promovendo a interação entre escola e comunidade e consolidando as práticas de letramento visual e multimodal através da Libras. No quadro 1, pode-se acompanhar um resumo sobre a abordagem utilizada para o desenvolvimento do sinalário.

¹ O projeto “Expedicionário do Cosmo” foi desenvolvido nos ciclos de alfabetização para estudantes do 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental, com o objetivo de explorar temas de astronomia de forma transdisciplinar. Neste estudo, o foco recai sobre os workshops de Libras realizados durante o projeto, nos quais os alunos participaram da criação de um sinalário. Esse processo de produção, integrado ao tema astronômico, possibilitou uma abordagem colaborativa e multimodal, promovendo a inclusão e o desenvolvimento do letramento visual e da cultura visual no contexto de alfabetização.

Quadro 1 – Resumo das etapas percorridas nos workshops para produção do sinalário

Fase	Descrição	Atividades	Objetivos
Descoberta	Momento inicial do projeto Expedicionário do Cosmo, em que os estudantes expressam curiosidade e fazem perguntas sobre sinais relacionados ao espaço e à astronomia.	Discussão em grupo sobre os conceitos astronômicos e como eles podem ser representados em Libras. Identificação de palavras-chave do vocabulário espacial que despertam interesse nos alunos.	Sensibilizar os alunos para o uso da Libras como linguagem de representação visual. Identificar temas e termos que serão foco do sinalário.
Interpretação	Primeiros workshops de Libras, nos quais os alunos exploram e interpretam os sinais do espaço em conexão com o projeto Expedicionário do Cosmo.	Demonstração e prática dos sinais relacionados aos termos espaciais identificados. Discussão sobre a relevância e o significado de cada sinal no contexto da astronomia.	Desenvolver uma compreensão inicial dos sinais em Libras. Relacionar os sinais com os conceitos astronômicos discutidos no projeto.
Ideação	Desenvolvimento da ideia de criar um sinalário digital interativo, com o objetivo de registrar os sinais em Libras escolhidos pelos estudantes.	Brainstorming para a criação de um livro digital multimodal com apoio da Libras. Seleção colaborativa dos sinais que farão parte do sinalário.	Engajar os alunos na construção de um recurso visual e multimodal. Planejar o formato digital do sinalário com a participação dos estudantes.
Experimentação	Etapa prática de criação e registro dos sinais escolhidos, utilizando fotos e vídeos para documentar os sinais em Libras referentes ao tema espacial.	Registro dos sinais selecionados por meio de fotos e vídeos. Organização dos registros na plataforma Canva para produzir o sinalário multimodal. Revisão e ajustes finais nos registros visuais.	Criar um sinalário visualmente acessível e educativo. Testar a usabilidade e clareza dos sinais registrados.
Evolução	Divulgação do sinalário finalizado, com a geração de um QR Code para que as famílias possam acessar e compartilhar as produções dos alunos.	Criação de um QR Code que direciona para o sinalário digital. Envio do QR Code para as famílias, incentivando a participação e o envolvimento com o projeto.	Compartilhar as produções dos alunos com a comunidade escolar e familiar. Promover a valorização da Libras e da colaboração entre alunos e famílias.

Fonte: Elaborada pelo autor com base no acervo do estudo (2023).

A abordagem do *Design Thinking* foi escolhida para proporcionar uma experiência de aprendizado dinâmica, centrada na colaboração e no protagonismo dos alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades visuais e de compreensão da alteridade. A proposta foi implementada em uma escola de aplicação, onde o sinalário de Libras servirá como documento central de análise. Por meio do sinalário, busca-se investigar como a Libras, integrada à sala de aula, contribui para o desenvolvimento do multiletramento e para o entendimento da diversidade cultural no processo educativo. A metodologia é estruturada para analisar os documentos visuais produzidos, como fotos e vídeos dos sinais registrados no sinalário, com o objetivo de compreender como o uso de práticas multimodais pode enriquecer as atividades de alfabetização inclusiva.

4 REFLEXÕES CRÍTICAS E ENTRELAÇAMENTOS TEÓRICOS: REPOSICIONANDO A LIBRAS ENQUANTO CULTURA VISUAL NA ALFABETIZAÇÃO

Compreender a Libras como uma língua de modalidade visuoespacial na alfabetização amplia as fronteiras do letramento tradicional, ao integrar elementos visuais e gestuais que, segundo Hernández (2011), fazem parte da cultura visual, reposicionando o olhar do aprendiz para além do texto escrito. Essa perspectiva transdisciplinar, que deslocaliza o sujeito e o convida a construir o sentido visualmente, é especialmente significativa no contexto educacional, onde os alunos — surdos e ouvintes — encontram na Libras uma forma inovadora de construção de conhecimento. O sinalário digital de astronomia, ao capturar signos visuais e traduzir conceitos complexos em sinais acessíveis, exemplifica como a Libras torna-se um mediador poderoso na educação inclusiva. De acordo com Botelho (2005), o aprendizado em Libras vai além da comunicação funcional: ele é uma prática de letramento visual que proporciona um aprendizado inclusivo e acessível, permitindo que os alunos se apropriem do mundo por meio de uma linguagem alternativa que rompe com o modelo auditivo e textual (por vezes considerado único).

A análise dos dados mostra que, ao registrar fotos e vídeos dos sinais no Canva, o projeto viabilizou um ambiente onde o letramento visual e multimodal ganha centralidade. Esse material oferece uma experiência sensorial, na qual o movimento das mãos e as expressões faciais, como destaca Dias (2006), ocupam o papel do som e da escrita, engajando os alunos em uma aprendizagem que ativa múltiplas dimensões cognitivas e perceptivas. Dessa forma, o sinalário não apenas instrui, mas também aproxima a educação das dinâmicas contemporâneas de comunicação. A inclusão da Libras, como argumentam McCleary (2006) e Hernández (2011), cria uma ponte entre as culturas surda e ouvinte, transformando o espaço escolar em um local de intercâmbio linguístico e cultural, onde as diferenças são valorizadas como fontes de aprendizado mútuo. A Libras, portanto, torna-se uma prática multimodal que propicia a

experimentação com o significado e expande a percepção dos alunos sobre a linguagem e a diversidade humana. Este recurso visual, promovido pelo sinalário, atua como um exercício contínuo de inclusão e alteridade, onde o acesso ao conteúdo é democratizado, respeitando as particularidades e capacidades de todos os alunos, e fortalecendo uma educação que se alinha aos princípios da cultura visual e da diversidade linguística.

Sob a ótica da educação visual e suas interseções com a alfabetização, a Libras desempenha um papel essencial na ampliação do letramento, ao introduzir uma linguagem que ativa o potencial interpretativo por meio de sinais visualmente expressivos e culturalmente significativos. Essa contribuição, como indicam Soares (2020) e Santos Filho, Oliveira e Souza (2016), promove um letramento visual que não se restringe à decodificação de letras e sons, mas permite aos alunos, surdos e ouvintes, uma experiência interpretativa que envolve a expressão e a construção coletiva de significados. No contexto da sala de aula, a Libras cria um ambiente multimodal que desafia os limites do ensino tradicional, pois transforma a alfabetização em uma prática interativa e visual, por meio da qual o aluno pode se tornar cocriador do conhecimento.

A produção do sinalário, por exemplo, ilustra essa perspectiva, ao oferecer aos alunos a oportunidade de construir e compartilhar suas interpretações sobre conceitos complexos, como os astronômicos, através de uma linguagem acessível e expressiva. Ao adotar a Libras nesse processo, a escola não só valoriza o letramento visual, mas também se alinha com a cultura nacional, visto que a Libras é reconhecida como segunda língua oficial do Brasil. Esse reconhecimento eleva a Libras de uma mera ferramenta comunicativa para uma prática educacional que respeita e promove a diversidade linguística e cultural. A inclusão da Libras possibilita que cada aluno desenvolva habilidades interpretativas únicas e encontre uma forma de expressão pessoal, contribuindo para uma alfabetização inclusiva e situada na realidade cultural do país. Dessa maneira, a Libras, ao transcender o modelo auditivo e textual, reflete uma alfabetização que acolhe e amplia as experiências de todos os estudantes, ressignificando o aprendizado e valorizando a identidade cultural de cada indivíduo. O sinalário, então, torna-se um símbolo dessa prática inclusiva, reforçando que a educação visual e multimodal é um meio de democratizar o acesso ao conhecimento e integrar, na prática, as especificidades e a riqueza cultural da Libras no cotidiano escolar. Na Figura 1, pode-se acompanhar o registro de uma parte do desenvolvimento do sinalário.

Figura 1 – Registros iniciais para produção do sinalário

PRODUÇÃO - SINALÁRIO EM LIBRAS



Imagem 12 - Registro de fotos do sinalário
Fonte: Acervo do estudo (2023).



Vídeo 3 - Registro de vídeo do sinalário
Fonte: Acervo do estudo (2023).



Imagem 113 - Registro de fotos do sinalário
Fonte: Acervo do estudo (2023).



Imagem 114 - Registro de fotos do sinalário
Fonte: Acervo do estudo (2023).



Imagem 15 - Página do sinalário
Fonte: Acervo do estudo (2023).

Fonte: Elaborada pelo autor com base no acervo do estudo (2023)².

A figura 1 traz registros visuais da produção do sinalário em Libras, destacando o envolvimento dos estudantes na criação de sinais relacionados ao tema de astronomia. Nessa sequência de fotos e vídeos, observa-se um processo de aprendizado prático e visual, no qual as crianças representam conceitos como “lua cheia” e “saturno” (duas imagens à esquerda) “telescópio” (três imagens à direita), utilizando sinais específicos. Cada registro visual, marcado pela clareza dos sinais e expressões faciais dos alunos, contribui para uma comunicação efetiva dos sinais, revelando o valor da Libras enquanto linguagem multimodal e visuoespacial no contexto educacional. A variedade de registros — incluindo imagens de sinais isolados e uma página do sinalário digitalizada — mostra como a Libras se adapta ao letramento visual, possibilitando uma interpretação intuitiva dos conceitos astronômicos. Esse tipo de recurso permite que os alunos não apenas aprendam os sinais, mas também compreendam visualmente os conceitos, consolidando o aprendizado por meio da prática de sinalização e da representação imagética.

Vale destacar que a presença do nome “Mateus” e o termo “telescópio” ilustra o caráter personalizado e participativo do sinalário, permitindo que os alunos vejam suas próprias produções aplicadas em um material acessível a todos. A Figura 1 também ressalta o uso de ferramentas digitais, como a plataforma

² As imagens dos estudantes utilizadas neste estudo foram devidamente autorizadas pela Instituição, que obteve o consentimento formal para a divulgação em sites e plataformas vinculadas à Feevale e a à Escola de Educação Básica Feevale.

Canva, na organização dos registros e na criação de uma apresentação visual e coesa. Esse recurso digital contribui para tornar o sinalário não apenas um material de estudo, mas também um produto final que pode ser compartilhado com a comunidade escolar e as famílias, fortalecendo o engajamento com a Libras e a valorização da cultura visual na educação. Em suma, a imagem evidencia o potencial pedagógico da Libras para promover o letramento multimodal, incentivando a exploração de múltiplas linguagens e o desenvolvimento de habilidades interpretativas visuais e gestuais.

O processo de construção do sinalário evidenciou uma prática colaborativa entre alunos e professor pertinente para o desenvolvimento do conhecimento coletivo. A escolha dos termos do vocabulário espacial e o processo de criação dos sinais, organizados em etapas, estimularam o trabalho conjunto, promovendo a participação ativa dos estudantes em decisões importantes para a elaboração do sinalário. Os alunos tiveram liberdade para sugerir palavras, interpretar os conceitos e discutir a melhor forma de representar cada termo visualmente, fortalecendo o sentido de pertencimento ao projeto e o compromisso com o produto final. Essa prática revelou-se importante para o aprendizado, uma vez que permitiu aos alunos experimentar uma construção de conhecimento que valoriza suas contribuições individuais e favorece a convivência em um ambiente de respeito mútuo, essencial para o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

A construção do sinalário em Libras, ancorada na multimodalidade e na colaboração entre alunos e professor revela uma abordagem de alfabetização que reflete as perspectivas de Kress (2010) e Kress e Leeuwen (2001) sobre a comunicação contemporânea. A linguagem, nesse contexto, torna-se uma prática visual, gestual e emocional, que vai além da palavra escrita e incorpora múltiplos modos de expressão. Ao participarem ativamente da criação do sinalário, os estudantes entram em contato direto com essa dimensão multimodal, em que os gestos e as expressões faciais na Libras atuam como “entonações visuais” que, como propõe Kress (2010), comunicam significados complexos e emocionais. Assim, os sinais escolhidos e desenvolvidos no projeto permitem aos alunos experimentar uma gramática visual que os conecta com o conteúdo de forma integrada e sensorial, promovendo uma alfabetização que explora tanto o aspecto linguístico quanto o interpretativo.

Ao mesmo tempo, a inclusão da Libras no processo de alfabetização amplia a perspectiva cultural e identitária dos alunos, conforme argumenta Hall (2016). A produção colaborativa do sinalário torna-se uma prática cultural que influencia a maneira como os alunos percebem e constroem seu entendimento sobre o mundo e sobre a diversidade. No momento em que alunos ouvintes e surdos se engajam no estudo dos sinais para ampliar o contato com conceitos astronômicos, eles se conectam com uma linguagem que desafia a lógica tradicional da oralidade e da escrita, expandindo suas visões sobre o que significa

comunicar-se em uma sociedade plural. A possibilidade de participar na escolha e na criação dos sinais pode estimular um sentido de pertencimento, incentivando-os a ver a Libras não apenas como um meio de comunicação, mas como uma expressão cultural que valoriza e representa as diferentes identidades.

Essa prática pedagógica também revela, conforme Hall (2016), como a prática do letramento em Libras na alfabetização contribui para formar uma percepção mais inclusiva e empática da diversidade linguística e cultural. A criação do sinalário, ao envolver os alunos em cada etapa — desde a seleção dos termos até o registro final dos sinais em um material visual e acessível —, transforma a Libras em uma ferramenta pedagógica que integra a cultura visual e o aprendizado colaborativo. Ao incorporar o conhecimento coletivo, o processo não só facilita o desenvolvimento das habilidades interpessoais, mas também reforça a importância de aprender com o outro, promovendo a convivência com a diferença e preparando os alunos para interagir com um mundo repleto de formas de expressão diversas.

Explorar a Libras como ferramenta de alfabetização visual revela um caminho para a inclusão e o reconhecimento das identidades múltiplas, tal como defendido por Deleuze e Guattari (1995). Todo o processo que envolveu o sinalário demonstra que a linguagem é um campo rizomático, onde significados são continuamente negociados e construídos. Essa experiência permite que os alunos transcendam os limites da oralidade e da escrita, engajando-se em uma linguagem que desafia as convenções e celebra a pluralidade. Quando os estudantes participam da escolha de termos e da criação de sinais, eles não apenas aprendem um novo vocabulário, mas também podem internalizar a ideia de que o conhecimento é algo que se adapta e se molda às diferentes perspectivas culturais e sociais presentes em cada contexto. Assim como Garcia-Canclini (1998) argumenta sobre a hibridez cultural, o sinalário evidencia a coexistência e interação de formas distintas de comunicação, promovendo um ambiente educacional onde culturas visuais e sonoras convergem. Nesse processo, a Libras atua como uma ponte entre universos linguísticos, permitindo que alunos de diferentes contextos culturais compartilhem uma plataforma comum de aprendizado. O uso da Libras é uma estratégia de inclusão para surdos; como também é, acima de tudo, uma oportunidade para todos os alunos se familiarizarem com uma língua que prioriza o visual e o gestual, ampliando sua capacidade de interpretar o mundo a partir de diversas linguagens.

Ao considerar as contribuições de Didi-Huberman (2012) sobre o papel da imagem na educação, percebe-se que o sinalário possibilita uma leitura de mundo que vai além do texto escrito. Os registros visuais e gestuais dos sinais oferecem aos alunos uma nova forma de acessar o conhecimento, fazendo com que a aprendizagem seja uma experiência interpretativa e ativa. Cada gesto, cada sinal capturado em vídeo ou foto, cria uma camada adicional de entendimento, onde o conhecimento científico — como o

vocabulário astronômico — é traduzido em uma forma de linguagem acessível e engajante, que promove o letramento visual e aproxima os alunos da cultura visual. A Figura 2 apresenta a capa do sinalário.

Figura 2 – Capa do sinalário de astronomia



Fonte: Elaborada pelos estudantes e professor com base no acervo do estudo (2023).

A capa do *Livro Digital: Astronomia Sinalário* revela um projeto que alia cultura visual, linguagem multimodal e inclusão, refletindo as ideias de autores como Kress (2010), Deleuze e Guattari (1995) e Hall (2016). Em primeiro lugar, o *design* colorido e ilustrativo da capa, que apresenta elementos visuais ligados ao tema de astronomia (cometas, telescópio, foguete e planetas), evoca a multimodalidade que Kress (2010) aponta como essencial na comunicação contemporânea. A presença de imagens que remetem ao conteúdo científico é uma estratégia visual que transcende o uso exclusivo do texto escrito, oferecendo aos alunos uma experiência interpretativa que envolve o visual e o sinal, exatamente como ocorre no uso da Libras. Dessa forma, o sinalário de astronomia promove um letramento que abraça diferentes modos de expressão e facilita o acesso ao conhecimento produzido em sala de aula. A Figura 3, uma página do sinalário, denota esse conhecimento produzido em sala de aula.

Figura 3 - Página do sinalário dedicada ao “Sistema Solar”



Fonte: Elaborada pelo autor com base no acervo do estudo (2023).

A página do sinalário dedicada ao “Sistema Solar” evidencia uma prática de letramento visual e multimodal em que a Libras é integrada como linguagem central de acesso ao conhecimento, refletindo os princípios defendidos por Kress (2010) e Deleuze e Guattari (1995). A imagem apresenta o aluno Arthur executando o sinal para “Sistema Solar”³ em Libras, com uma representação visual envolvente, composta por elementos do espaço, como planetas e foguetes, que dialogam diretamente com o tema da astronomia. Esse recurso visual permite uma interpretação ampliada e interativa, alinhando-se à multimodalidade que Kress (2010) considera fundamental na comunicação contemporânea, onde imagem, gesto e texto coexistem e complementam-se.

A presença de imagens dos sinais específicos em Libras proporciona aos alunos um ponto de referência visual para o vocabulário delimitado para o sinalário, permitindo que o conteúdo seja

³ Conforme a figura 3, a imagem do Arthur foi inserida em um fundo digital utilizando a plataforma Canva, por meio de um processo colaborativo entre o professor e os alunos. Juntos, eles selecionaram o layout e as imagens que comporiam o fundo, optando por elementos visuais que, na percepção deles, combinavam com a temática astronômica abordada no sinalário. Esse processo permitiu que os estudantes participassem ativamente das decisões estéticas, explorando a criatividade e contribuindo para a construção de um material visualmente atraente e contextualizado.

absorvido de maneira visual e gestual. Esse tipo de letramento se torna mais acessível para todos os alunos, independentemente de suas habilidades auditivas, promovendo uma prática inclusiva que, como argumenta Hall (2016), contribui para a construção de identidades e para o respeito à diversidade. A inclusão do nome do aluno na página ("Arthur") personaliza o aprendizado, conferindo protagonismo aos estudantes e tornando a prática de letramento uma experiência única e significativa para cada um.

Sob a ótica da alteridade, segundo Deleuze e Guattari (1995), a Libras, ao ser utilizada para representar conceitos complexos como o "Sistema Solar," abre espaço para a diversidade de modos de expressão e para a valorização das múltiplas formas de interpretar o mundo. A página do sinalário não apenas instrui sobre um conceito astronômico, mas também transforma a compreensão científica em uma prática cultural e identitária. A integração dos sinais, imagens e palavras faz com que os alunos vivenciem a ciência de maneira concreta e sensorial, reforçando a Libras na suas modalidades visual e gestual, além de promover o respeito pela alteridade e enriquecer o letramento multimodal, permitindo uma alfabetização inclusiva e culturalmente situada. Ao oferecer uma experiência de aprendizado na qual a cultura visual é central, a página selecionada (Figura 3) do sinalário pode refletir o compromisso com uma educação que valoriza as particularidades de cada aluno e utiliza a Libras como ponte para a exploração de novos saberes, refletindo sobre as singularidades linguísticas em um espaço de aprendizado plural.

Do ponto de vista da alteridade, conforme proposto por Deleuze e Guattari (1995), o sinalário digital pode configurar-se como um "campo aberto à multiplicidade", onde a linguagem não se limita à norma da oralidade ou da escrita, mas abraça a diversidade de formas de comunicação. A Libras desafia a linearidade tradicional do letramento ao introduzir uma gramática visual própria, estimulando alunos surdos e ouvintes a explorarem e valorizarem as diferenças na construção de significado. A capa, ao trazer elementos visuais representativos de conceitos astronômicos, inicia o aluno no campo da linguagem visual e múltipla, criando uma ponte entre o conhecimento científico e a língua dos sinais. A inclusão da Libras como língua central do sinalário reforça a ideia de Hall (2016) sobre identidade e representação, ao criar um espaço onde a diversidade linguística é valorizada. Ao colocar a Libras em uma posição de destaque no contexto escolar, o projeto reconhece a identidade surda e torna visível a importância de um letramento visual que respeite as singularidades das pessoas surdas. A produção colaborativa desse recurso multimodal transforma a sala de aula em um espaço de convivência entre alteridades, onde alunos surdos e ouvintes podem se reconhecer como parte de um mesmo processo de aprendizagem.

Portanto, os resultados mostram que a construção do sinalário em Libras atuou como uma estratégia pedagógica situada e culturalmente visual, promovendo uma alfabetização inclusiva e multimodal que integra elementos do letramento visual e da cultura visual. A Libras, posicionada no centro desse

processo, permitiu que alunos, tanto surdos quanto ouvintes, acessassem o conhecimento por meio de sua modalidade visuoespacial, ampliando suas capacidades interpretativas e suas interações com conteúdos complexos. A produção colaborativa do sinalário destacou a importância de um ambiente de aprendizado onde diferentes modalidades de expressão – sinais, expressões faciais e elementos visuais – coexistem e se complementam, fortalecendo a compreensão de conceitos científicos no contexto educacional. Além disso, a incorporação da Libras como língua principal do sinalário reforçou os princípios de identidade e representação discutidos por Hall (2016) e Deleuze e Guattari (1995), ao criar um espaço pedagógico em que a diversidade linguística e cultural é respeitada e valorizada. O uso de ferramentas digitais pelo professor e estudantes, como o Canva, consolidou o sinalário como um produto final acessível e compartilhável, que conecta a experiência escolar com o ambiente familiar e a comunidade. Esse recurso, ao democratizar o acesso ao conhecimento e promover a convivência com a alteridade, cumpre o papel de um material didático inovador que se alinha aos objetivos de uma educação culturalmente situada e inclusiva.

Esses resultados, ao fortalecerem o papel da Libras na educação, abrem caminho para reflexões sobre o impacto da cultura visual e do letramento multimodal no desenvolvimento de práticas pedagógicas que reconhecem e celebram a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado até aqui, coloca-se a importância da Libras no fortalecimento do processo de alfabetização e na formação de multiletramentos nos anos iniciais. Com a intenção de responder a como a Libras pode contribuir para a construção de um letramento visual e inclusivo, os resultados apontam que sua integração ao currículo amplia as práticas de alfabetização, permitindo que alunos surdos e ouvintes desenvolvam habilidades interpretativas complexas em um ambiente que valoriza a diversidade linguística e cultural. A criação colaborativa do sinalário de astronomia, produto central deste estudo, evidencia que a Libras não apenas facilita o acesso ao conhecimento, mas também posiciona a cultura visual como um recurso pedagógico que maximiza a aprendizagem. Esse projeto mostrou-se pertinente ao unir teoria e prática, consolidando a Libras como um recurso capaz de engajar os alunos na construção de significados que transcendem o texto escrito, favorecendo uma alfabetização multimodal e contextualizada.

Além disso, o estudo confirmou as contribuições de Kress (2010) e Hernández (2011) sobre a relevância da multimodalidade na educação contemporânea, destacando que a comunicação vai além da palavra escrita e deve integrar diferentes modalidades para promover um aprendizado mais completo. Ao

abordar conceitos de astronomia por meio de sinais visuais, os alunos experimentaram uma língua visual própria, onde o movimento e as expressões faciais ocupam o papel dos sons e entonações na linguagem oral. Como defendido por Didi-Huberman (2012), a cultura visual permite que o aluno interprete o mundo por meio de imagens e gestos, habilidade essencial para a criação do sinalário. A experiência demonstrou que, ao utilizar a Libras para representar conceitos complexos, os estudantes não apenas desenvolvem o letramento visual, mas também ampliam sua compreensão sobre as múltiplas formas de comunicação e expressão.

Este estudo também enfatiza a relação entre a Libras e a alteridade, um aspecto central para a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes quanto à diversidade. Ao integrar a Libras nas práticas pedagógicas, a escola torna-se um espaço de convivência entre culturas, promovendo um ambiente de respeito e valorização do "Outro", como proposto por Larrosa (2011), Deleuze e Guattari (1995) e Hall (2016). O sinalário colaborativo permitiu que alunos surdos e ouvintes interagissem e construíssem conhecimento juntos, promovendo a inclusão e o reconhecimento das identidades múltiplas. Essa convivência com a alteridade possibilita que os alunos compreendam as diferenças linguísticas não como barreiras, mas como oportunidades de aprendizado mútuo, reforçando o papel da Libras como uma ponte entre universos culturais e linguísticos distintos. A prática educativa evidenciou que a Libras é capaz de moldar o ambiente escolar para que ele se torne um lugar mais inclusivo e plural, no qual a diversidade é colocada em evidência na sala de aula.

Diante desses achados, recomenda-se que futuras pesquisas explorem o papel de outras modalidades linguísticas e da cultura visual em diferentes áreas do currículo, aprofundando o potencial da Libras e dos multiletramentos na educação básica. A incorporação de atividades multimodais e participativas mostrou-se um caminho possível no engajamento dos alunos e na promoção de um aprendizado acessível e contextualizado, sugerindo que práticas semelhantes podem beneficiar estudantes em contextos variados. Ao integrar a Libras ao processo de alfabetização, os educadores podem ter a oportunidade de criar ambientes de aprendizado mais democráticos, onde as habilidades visuais, interpretativas e sociais são desenvolvidas simultaneamente. Por fim, este estudo contribui para o campo da educação, ao demonstrar que a Libras é uma prática pedagógica que transforma a alfabetização em um processo culturalmente situado, inclusivo e multimodal, alinhado aos princípios da cultura visual e da diversidade linguística.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. P.; SERRA, L. H. Sinalário como ferramenta de acesso ao conhecimento científico em Libras. In: **VIII Cogite - Colóquio sobre Gêneros & Textos**, 2023, Piauí.

BOTELHO, P. Linguagem e letramento na educação dos surdos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRITO, L. F. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: TB-Edições Tempo Brasileiro, 2010.

COPE, B.; KALANTZIS, M. (Org.). *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures.* London: Routledge, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, v. 1, 1995.

DIAS, T. R. Educação de surdos na escola pública e bilinguismo. **Anais do V Congresso Internacional do INES e XI Seminário Nacional do INES.** Surdez: família, linguagem, educação, 2006.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo.** Lisboa. KKYM, Imago, 2012.

GARCIA-CANCLINI, N. Culturas híbridas. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALES, P. et al. Design Thinking para Educadores. Versão em Português: Instituto Educadigital. Tradução: Bianca Santana, Daniela Silva e Laura Folgueira. 2014. Sob licença Creative Commons Attribution – Non Commercial – Share Alike 3.0 Unported (CC BY-NC-SA 3.0). Disponível em: <https://www.sedies.com.br/downloads/2017/textos/tema7.pdf>.

HALL, S. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro.: Editora Apicuri-PUC-RJ, 2016.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/ Representação, 2003.

HERNÁNDEZ, F. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 31-49.

ILDEBRAND, I. S.; FRONZA, C. A.; LUIZ, S. W. Quando a Libras visita a Língua Portuguesa: explorando o design thinking e o contato entre línguas no Ensino Médio. **Linguagem & Ensino**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rle.v23i4.18563>.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse – The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.

MALACARNE, V.; OLIVEIRA, V. R. A contribuição dos sinalários para a divulgação científica em Libras. **Ensino Em Re-Vista**, p. 289-305, 2018.

McCLEARY, L. Bilinguismo para surdos: brega ou chique? Mesa redonda: Os surdos e o bilinguismo – da casa para o mundo. In: **V Congresso Internacional e XI Seminário Nacional**. Surdez: família, linguagem, educação. Rio de Janeiro: INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2006.

SANTOS FILHO, G. O.; OLIVEIRA, R. R. S.; SOUZA, R. C. S. Na construção da modalidade visual: a pedagogia para a educação dos surdos. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Arara Azul, n. 18, 2016.

SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOARES, L. S. O papel da Libras no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos. **Seminário Interlinhas**, v. 8, n. 1 e 2, p. 367-380, 2020.

STUMPF, M. R. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2005.